

Resultados Preliminares Grupos Focais

17-03-09

A pesquisa realizada pelo Ibase do âmbito do projeto “Pacto pela Cidadania” objetiva captar a percepção que a população da cidade do Rio de Janeiro tem sobre a favela, sobre a relação entre a favela e a cidade e sobre o PAC.

Método: Pesquisa de natureza qualitativa

Técnica: Grupo focal

Perfis dos grupos:

Grupo 1

Realizado com **jovens** de 19 a 25 anos, **moradores da cidade do Rio de Janeiro, das zonas da Leopoldina (arredores de Manguinhos), Norte, Sul e Oeste** há pelo menos 5 anos; 50% deles só estudam e 50% só trabalham; pertencentes às classes socioeconômicas A2, B1 e B2;

Grupo 2

Realizado com **adultos**, trabalhadores, moradores da cidade do Rio de Janeiro, das **zonas da Leopoldina (arredores de Manguinhos), Norte, Sul e Oeste** há pelo menos 5 anos; pertencentes às classes socioeconômicas A2, B1 e B2;

Grupo 3

Realizado com **adultos**, trabalhadores, moradores do **Complexo de Manguinhos** há pelo menos 5 anos; pertencentes às classes socioeconômicas B2, C1 e C2;

Grupo 4

Realizado com **jovens** de 19 a 25 anos, **moradores do Complexo de Manguinhos** há pelo menos 5 anos; 50% deles só estudam e 50% só trabalham; pertencentes às classes socioeconômicas B2, C1 e C2.

Em todos os grupos procurou-se contar com equilíbrio de gênero e raça/cor.

1. Percepções e discursos sobre favela

Os grupos focais realizados evidenciaram que há um discurso consolidado na cidade sobre a favela. A favela não é um fenômeno invisível, mas está presente na vida cotidiana dos moradores dessa cidade.

“Eu penso em pobreza, mas também em tráfico.” (Moça, 20 anos, estudante universitária, moradora de Vila Isabel)

“Eu pensei em crescimento desordenado, tu olha assim vê aquele monte de casinha, muito concentrado.” (Rapaz, 20 anos, estudante universitário, morador do Flamengo)

“Eles não têm interesse também. Mora ali, não corre atrás... Faz parte da cultura deles. Já cresceu vendo aquilo e aquilo tá bom.” (Rapaz, 21 anos, Técnico em Informática, morador da Taquara)

“As pessoas falam favela, as pessoas imaginam aquela vala correndo a céu aberto. Não há diferença entre favela e comunidade, na verdade.” (Homem, 33 anos, 2º grau)

completo, atendente, morador do Complexo de Manguinhos)

“Eu pensei em segregação” (Moça, 24 anos, estudante universitária, moradora do Méier)

“Muita criança descalça, pelada, correndo assim na lama (...). E na doença, não tem pra onde ir, porque não tem hospital particular.” (Moça, 21 anos, Secretária Auxiliar, moradora de Bonsucesso)

2. Somente após estimulação, relatam indícios de agenda positiva:

“O meu marido mora na Providência, embaixo, mora lá desde pequeno. A imagem da favela que eu tinha antigamente é que era suja, perigosa, cheia de armadilhas. Mas depois que eu fui indo, conhecendo as pessoas, em geral, eu vi que as pessoas são totalmente iguais a gente aqui do asfalto. E eu tenho amigos solidários. São simpáticos. Tem gente com condições muito melhores do que nós aqui, mas não sai de lá.” (Mulher, 30 anos, 2º grau completo, Estoquista, moradora da Glória)

“Até porque dentro da comunidade tem açougue, tem padaria, tem mercado. Tem todo um comércio e toda uma estrutura que quem tá de fora não acha que tem. Tem o seu João da padaria, seu Manoel do supermercado. Tem três, quatro funcionários ali trabalhando pra ele. É uma empresa lá dentro. Então às vezes, pelo poder público não entrar, ou entrar de uma forma equivocada, acaba se gerando essa impressão de falta de segurança.” (Rapaz, 25 anos, 2º grau, Analista Contábil, morador do Complexo de Manguinhos)

“A união deles da comunidade é bacana.” (Moça, 24 anos, estudante universitária, moradora do Méier)

3. Forte associação com a violência:

“Eu subo com medo de olhar para os lados” (Moça, 24 anos, estudante universitária, moradora do Méier).

“Eu já vi a polícia trocando tiro com os traficantes lá em cima. Eu tenho medo dos dois” (Moça, 20 anos, estudante universitária, moradora de Vila Isabel).

“Favela é de uma hora pra outra. Tá calmo, daqui a pouco pá pá pá...” (Mulher, 39 anos, 1º grau completo, manicure, moradora do Complexo de Manguinhos)

“Primeiro eu rezo antes de pegar a Linha Vermelha porque eu moro na Penha. Eu rezo antes de passar ali. (Homem, 41 anos, Superior Completo, Gerente Comercial, morador da Penha)

“É a famosa faixa de Gaza.” (Homem, 42 anos, Superior Completo, Arquivista, morador de Curicica)

4. Favela como um problema da cidade e para a cidade:

“A favela interfere no teu direito de ir e vir. Fecha a linha Vermelha... Fecha a Linha Amarela”. (Mulher, 60 anos, Superior Completo, Diretora de escola, moradora de Copacabana)

“A favela interfere no nosso comportamento. Interfere até nos bens que a gente tem. Eu conheço pessoa que a favela cresceu e chegou perto da casa dele. Ele perdeu, desvalorizou a casa.” (Homem, 34 anos, Superior Completo, Gerente Comercial, morador do Andaraí)

“Favela interfere na tua vizinhança, interfere em tudo. Agora também ajuda, porque você precisa de empregada, para quem precisa de um servente. A favela também te dá isso, bem próximo.” (Homem, 34 anos, Superior Completo, Gerente Comercial, morador do Andaraí).

4. Conhecimento X desconhecimento dos territórios

Pelas afirmações dos grupos externos a favelas, os jovens do “asfalto” parecem interagir mais com a favela do que adultos:

“Eu já fui à casa de amigos e tenho um primo que mora lá na Rocinha também. Já participei de campeonatos, jogava futebol... (risos). Então sempre de vez em quando eu vou”. (Moça, 25 anos, Promotora de Loja, moradora de Piedade)

“Eram amigos de boteco. Da rua, eles desciam, tomava cerveja, e às vezes, por exemplo, ia comer um cachorro quente no morro, aí a gente ia.” (Moça, 24 anos, Assistente comercial, moradora de Copacabana)

4.1. Sobre a expressão “Complexo de Manguinhos”:

“Estão falando agora “Complexo” porque isso é coisa de empreiteira. Eles começam inventar os nomes pra tentar maquiagem o local.” (Homem, 48 anos, Superior Completo, Gerente Comercial, morador da Tijuca)

“Eu não escuto ninguém onde eu moro dizer que mora no Complexo de Manguinhos. Acho que é esse nome que só aparece quando falam do tiroteio na Leopoldo Bulhões.” (Moça, 25 anos, 2º grau, Assistente Comercial, moradora do Complexo de Manguinhos)

“Porque aquilo é uma terra esquecida por Deus. Aquilo ali é horrível. Eu passo há 30 anos pela Avenida Brasil e há 30 anos eu vejo as mesmas coisas no mesmo local. Agora vem com esse “Complexo de Manguinhos”... Que Complexo de Manguinhos? Ali tem a Refinaria de Manguinhos e a Fundação Oswaldo Cruz. E no meio, a favela. É um mangue com a favela e quando chove...” (Homem, 41 anos, superior completo, gerente comercial, morador da Penha)

“Complexo de Manguinhos nunca ouvi falar.” (Rapaz, 25 anos, Arquivista, morador de Ramos)

“Complexo de Manguinhos? Eu já ouvi falar do Complexo do Alemão. Se for na base dos outros complexos, é um monte de favela.” (Rapaz, 20 anos, estudante universitário, morador do Flamengo)

“Pra mim é só aquela comunidade ali que é de Manguinhos. Porque na redondeza tem os outros nomes (...). Eu descobri depois que é um Complexo de Maguinhos, que engloba várias comunidades.” (Homem, 33 anos, 2º grau completo, atendente, morador do Complexo de Manguinhos)

5. Mídia

Imagens mostradas pela imprensa, filmes e livros ajudam a consolidar o estigma de que a favela é *locus* da violência:

“De certa forma, a gente vê a favela através da mídia. A mídia não mostra o lado bom.”
(Rapaz, 23 anos, estudante universitário, morador da Barra)

“Nenhum lugar tem só lado negativo e nenhum lugar tem só positivo. Mas a mídia só mostra o negativo.” (Rapaz, 21 anos, Técnico em Informática, morador da Taquara)

“Tropa de Elite só mostra violência, morte.” (Rapaz, 23 anos, estudante universitário, morador da Barra)

“A gente vive no Jornal Nacional.” (Homem, 31 anos, 2º grau completo, auxiliar de expedição, morador do Complexo de Manguinhos)

“Lá tem morte direto. A minha casa já apareceu na Globo” (Mulher, 39 anos, 1º grau completo, manicure, moradora do Complexo de Manguinhos)

“Nós somos artistas anônimos. (...) Estamos sempre nas manchetes” (Homem, 35 anos, 1º grau completo, vigilante, morador do Complexo de Manguinhos)

6. Preconceitos: conseqüências dessa percepção no dia-a-dia de todos os moradores e moradores da cidade

6.1. No mercado de trabalho:

“(...) Eu sou advogado e ele é advogado. 'Você mora aonde?'. Ele fala que mora no Morro do Borel. Ele tem 10 anos de advocacia e eu acabei de me formar: 'Você mora onde?’, 'Vieira Souto'... Ele é fera na advocacia, eu vou entrar e ele não vai. Por quê? Por causa da discriminação, ele mora na favela... Não estou falando em cor não, estou falando da favela.” (Homem, 34 anos, Superior Completo, Gerente Comercial, morador do Andaraí).

“O próprio exército, foi quando eu fiz, inclusive. Três anos atrás, quatro anos, eles estavam perguntando onde é que você morava. Morava perto de favela, ou em favela, 'quer servir?' 'Quero'. 'Não. Mora na favela. Vai aprender a atirar, não pode'.” (Rapaz, 21 anos, Técnico em Informática, morador da Taquara).

“Poucas pessoas sabem que eu moro em Manguinhos. Na ficha, quem sabe foi quem me contratou.” (Homem, 45 anos, 2º grau completo, montador, morador do Complexo de Manguinhos).

“A gente sai de casa pro trabalho. Logo quando a gente pisa na rua, polícia vem. Tá indo pra trabalhar, mas o cara tá vendo você saindo dali, já acha que você é um bandido. Ele não vem logo te pedir o documento, ‘com licença, boa tarde’, não. ‘Encosta aí, pá’.” (Homem, 35 anos, 1º grau completo, vigilante, morador do Complexo de Manguinhos)

“Pessoa de favela e pessoa negra são vistas como bandidos” (Homem, 34 anos, Superior Completo, Gerente Comercial, morador do Andaraí)

“Eu já levei dura na Leopoldo Bulhões do caveirão, tava de roupa de trabalho, tava chegando de viagem. Tô chegando em casa, cara me parou, me encostou num muro lá,

revistou minha bolsa todinha, me tratou como se eu fosse... Falou que se encontrasse droga na minha bolsa que ia passar o cerol em mim. É por aí, o preconceito é grande nessa área. Eu acho que a própria sociedade tinha que mudar a maneira de pensar e de agir. Em termo... as pessoas que moram em comunidade, seja ela qual for. É porque o cara mora lá na... tenho um colega que mora na Barata Ribeiro. Ele fala pra mim 'pô, lá tá pior do que aonde você mora. À noite é uma guerra. É tráfico, é prostituição, é drogas, é... prostituição infantil'. Na favela não, o que acontece é... a polícia tá lá extorquir a vagabundagem, dinheiro. As vezes acontece esse negócio de bala perdida, um inocente que não tem nada a ver pra sair de casa pra ir trabalhar é baleado. A polícia ainda chama ele de vagabundo, é por aí." (Homem, 45 anos, 2º grau completo, montador, morador do Complexo de Manguinhos)

"Pra Ilha do Governador eu vou porque sou obrigado, tenho que trabalhar mesmo, se não nem ia. (...) Tenho que falar que moro em Bonsucesso. 'Onde tu mora?', 'Bonsucesso'. Não vou falar que moro numa comunidade que eu sei que é uma comunidade rival." (Homem, 35 anos, 1º grau completo, vigilante, morador do Complexo de Manguinhos)

6.2. Nas relações interpessoais:

"A minha família não vai à minha casa. Meu neto quando vai, meu genro fica apavorado. Tenho um neto de dois aninhos... não posso ficar na rua com o garoto. Porque realmente... assim, você tá na rua e de repente sobe tiroteio, você tem que sair correndo. E se na hora que você sai correndo a bala dá em cima de você? Deus me livre." (Mulher, 49 anos, 2º grau completo, atendente, moradora do Complexo de Manguinhos)

"(...) 'Mora onde, maluco?', 'Moro em Manguinhos'. 'Que? Mora na Faixa de Gaza?', 'Que isso? Você é maluco de morar ali?!' A expressão deles é essa." (Homem, 45 anos, 2º grau completo, montador, morador do Complexo de Manguinhos)

"Uma vez minha mãe me matriculou num colégio que era no pé do Morro da Formiga, todo mundo que estudava no colégio era do morro, minha mãe pegou e me tirou do colégio. Todos os alunos eram do morro... Fiquei um dia só no colégio. É sério, me tirou." (Moça, 24 anos, Assistente comercial, moradora de Copacabana).

"Igual lá em casa, a minha filha estuda em colégio particular, já é um outro nível. Então como eu vou levar as crianças... Não vão. Não freqüentam (...). Ela que vai. As coleguinhas nunca vão pra minha casa. Tem certos tipos de amizade que ela não fala [onde mora]. Adolescente, né, tem vergonha." (Mulher, 49 anos, 2º grau completo, atendente, moradora do Complexo de Manguinhos)

"No aniversário da minha filha eu esperava pelo menos 40 pessoas. Só vieram, sei lá, 25. Eles não inventam desculpas não, são bem diretos. 'Realmente não da pra eu ir porque ali é tiroteio direto. Como vou fazer?' (...) Eles falavam como brincadeira e eu aceitei na boa. Mas no fundo, a gente fica magoado." (Moça, 24 anos, 2º grau, Operadora de Telemarketing, moradora do Complexo de Manguinhos).

6.3. Consumo e serviços públicos:

"Se você tiver na Praça das Nações e der mão, qualquer condução vai parar para você. Agora, se você estiver na Leopoldo Bulhões, o motorista vai olhar pra você, vai pensar se vai parar ou não. Muitas das vezes ele deixa a pé. (Homem, 45 anos, 2º grau completo,

montador, morador do Complexo de Manguinhos)

“Lá não vai [serviço de telefonia]. Falou que não vai consertar. (...) Área de risco.” (Homem, 31 anos, 2º grau completo, auxiliar de expedição, morador do Complexo de Manguinhos)

“Muitas vezes a Light também não vai não. (...) Área de risco.” (Mulher, 39 anos, 1º grau completo, manicure, moradora do Complexo de Manguinhos)

“Isso dá cidadania pro cara. O morro Dona Marta agora está sem tráfico, a NET já entrou e o próprio morador já está pagando. Eles fizeram plano de dividir as contas, em duas casas o sinal da NET... E o morador aceitou. Sabe por quê? Ele se sente um cidadão.” (Mulher, 60 anos, Superior Completo, Diretora de Escola, moradora de Copacabana).

“Eles ligam pra tua casa e avisa, 'o caminhão das Casas Bahia tá aqui pra entregar geladeira, fogão, não sei o que'. Aí você vai lá com um carrinho... Até na Leopoldo Bulhões. Fica parado na esquina. (...) Já vi várias pessoas chegando com geladeira, empurrando...” (Mulher, 49 anos, 2º grau completo, atendente, moradora de do Complexo de Manguinhos)

“No asfalto a polícia só vai entrar na casa se tiver mandato de busca. Na favela ele mete o pé na casa e entra. Quebra tudo que tiver dentro, tudo que tiver de quebrar e entra. Ele não tem mandato de busca. Só os que moram no asfalto têm direito, os que moram na favela não têm.” (Mulher, 39 anos, 1º grau completo, manicure, moradora de do Complexo de Manguinhos)

“Sempre. Você vai na loja [de um shopping], (...) os vendedores nem atendem. Cara feia, não vem falar, não vem perguntar se quer alguma coisa.” (Rapaz, 19 anos, 1º grau, estudante, morador do Complexo de Manguinhos).

7. Supostas vantagens de morar na favela:

“Às vezes é até melhor do que a gente aqui embaixo. Porque lá é tudo mais fácil. Eles não pagam luz, eles não pagam água, eles fazem gato de tudo!” (Moça, 24 anos, Assistente Comercial, moradora de Copacabana).

“A menina que trabalha lá em casa paga R\$ 10 a NET. Minha mãe paga R\$ 120 e ela paga R\$ 10”. (Moça, 20 anos, estudante universitária, moradora de Vila Isabel).

“Na Rocinha, eu fui lá em cima. Tinha casas bonitas assim. Eu entrei na casa, tinha um visual, eu olhei assim, 'gente, caramba, perfeito aqui!’” (Moça, 24 anos, estudante universitária, moradora do Méier).

“É perto do Centro.” (Rapaz, 25 anos, 2º grau, Analista Contábil, morador do Complexo de Manguinhos)

“Você não paga nada, não paga luz, não paga taxa de incêndio. Você pode comprar um fiado na barraca do lado. Tem essas coisas.” (Homem, 33 anos, 2º grau completo, atendente, morador do Complexo de Manguinhos)

8. Desejo de mudança

“(...) Eu tô vendendo a minha casa, eu quero sair dali, pra mim não dá pra morar mais ali. Eu tenho uma filha de 14 anos, é adolescente. Vamos supor que um daqueles meninos lá gosta da minha filha, aí se envolva. Você tem que procurar um lugar sendo o melhor pra você.” (Mulher, 49 anos, 2º grau completo, atendente, moradora do Complexo de Manguinhos)

“Eu pensaria, já pensei em sair já, por medo não. Mais pela questão do planejamento pra dar uma vocação melhor pro meu filho. Só isso mesmo. Porque a comunidade não é exemplo bom pro futuro dele não. Pensei em morar no campo.” (Rapaz, 25 anos, 2º grau completo, Vendedor autônomo, morador do Complexo de Manguinhos)

“Eu moro lá por necessidade, porque se eu pudesse eu não moraria não. Eu não moraria por causa da violência.” (Homem, 33 anos, 1º grau completo, segurança, morador do Complexo de Manguinhos)

9. PAC-Manguinhos: esperança e descrença

“Um Favela-Bairro do governo federal.” (Homem, 48 anos, Superior Completo, Gerente Comercial, morador da Tijuca).

“A obra tá prevista para dois anos. Se ele [morador contratado] ficar direitinho, ele tem uma experiência de dois anos. Então a obra do PAC vai terminar e ele tem como procurar um outro emprego, porque ele já tem experiência de dois anos na carteira.” (Mulher, 49 anos, 2º grau completo, atendente, moradora do Complexo de Manguinhos)

“Do jeito que botaram ali, papel... Não tô acreditando que vai ser isso aí não.” (Homem, 35 anos, 1º grau completo, vigilante, morador do Complexo de Manguinhos)

“Já derrubaram um montão de casas. É, melhorias para nós. Praças, coisas...” (Mulher, 39 anos, 1º grau completo, manicure, moradora do Complexo de Manguinhos I)

“A minha vizinha diz que a linha do trem vai se elevar e embaixo vai ser uma área de lazer.” (Mulher, 49 anos, 2º grau completo, atendente, do Complexo de Manguinhos)

“Essas promessas já vem não é de hoje. Moro lá há oito anos, desde que moro lá que tão falando, época da política aparece todo mundo. Depois some todo mundo...” (Mulher, 33 anos, 2º grau completo, auxiliar contábil, moradora do Complexo de Manguinhos)

“Acho que se fosse auditado, seria muito bem aplicado, ia mudar muito. Mas eu acho que não adianta você investir R\$1 bi e só chegar R\$300 milhões.” (Rapaz, 25 anos, 2º grau, Analista Contábil, morador do Complexo de Manguinhos)

10. Sugestões para aprimoramento da política PAC

10.1. Contenção da imigração para os territórios de favela:

“Quanto mais você humanizar o espaço, tornar habitável, a tendência é mais e mais chegarem, se não tiver um trabalho para conter.” (Homem, 48 anos, Superior Completo, Gerente Comercial, morador da Tijuca)

“É controlar a densidade populacional daquele local. Não adianta urbanizar só. É fundamental que eles cadastrem os moradores, tenham uma fiscalização severa.” (Mulher, 60 anos, Superior Completo, Diretora de Escola, moradora de Copacabana).

10.2. Controle de natalidade:

“Deveriam proibir a moça na favela de reproduzir. Eu acho que dentro da favela a moça deveria poder ter no máximo 2 filhos. Porque nego tem de 6 pra cima.” (Homem, 36 anos, 2º grau completo, Vendedor, morador de Bonsucesso).

10.3. Criação de creches, cursos profissionalizantes, escolas em tempo integral, áreas de lazer:

“Escola decente. Aquela escola que tem na Leopoldo, fizeram aquela obra mas tem muitos professores que tem medo de ir dar aula.” (Moça, 24 anos, 2º grau, Operadora de Telemarketing, moradora do Complexo de Manguinhos)

“Capacitação técnica que não tem ali não. A gente tem que ir pra Bonsucesso... Escola integral.” (Rapaz, 25 anos, 2º grau, Analista Contábil, morador do Complexo de Manguinhos)

10.4. Para os entrevistados, os projetos de intervenção urbana precisam ser acompanhados de forte política de segurança pública, até mesmo as Forças Armadas:

“Melhoraria isso se botasse o exército pra melhorar a segurança. Tendo segurança, a parentada pode ir lá visitar a minha casa... Não vão mesmo por medo de bala perdida, tiroteio, essas coisas.” (Homem, 33 anos, 1º grau completo, segurança, morador do Complexo de Manguinhos)

“A coisa melhor que teve aqui no Rio foi o exército na Rio 92.” (Mulher, 40 anos, 2º grau completo, cabeleireira, moradora do Complexo de Manguinhos)

10.5. Importância das ações de legalização da moradia

“A questão do PAC não é somente a melhoria para beneficiar os moradores carentes. De certa forma, eles estão corrigindo uma coisa que já estava errada. Onde eu moro é invasão, o terreno que eu moro pertence ao governo federal. Eles perderam o controle, agora eles têm que procurar organizar o local.” (Rapaz, 25 anos, 2º grau completo, vendedor autônomo, morador do Complexo de Manguinhos)

10.6. Participação da comunidade: integração do poder público com os moradores de favela

“Eu acho que comunidade tem que participar. (...) Ter condições de submeter como é um condomínio, com balancete todo mês da verba que tem e o que foi usado e como foi usado. Isso e aprovação. Pré-aprovação daquilo que vai ser usado.” (Homem, 48 anos, Superior Completo, Gerente Comercial, morador da Tijuca).

10.7. Conscientização da população para manutenção e sustentabilidade dos projetos:

“Um trabalho de conscientização. Porque não adianta montar uma favela bonitinha com casa e não-sei-o-quê, que deixa de ser uma favela. Tem que ter uma conscientização tanto dentro quanto fora. Eu acho que tem que ser uma propaganda, eu acho que tem que ser mostrado que as pessoas estão evoluindo lá. Não adianta mostrar só a violência”. (Homem, 34 anos, superior completo, gerente comercial, morador do Andaraí).

“A sugestão que eu tenho, assim, é que além de fazer toda essa obra com essa infraestrutura, sabendo que o valor foi disponibilizado muito alto... A minha idéia é que quando construir rolasse uma idéia para que alguém pudesse manter. (...) Colocasse um policiamento ali específico só para a questão de poder manter a praça... De repente até mesmo essa questão de voluntariado, os próprios moradores que pudessem conversar com a associação, mandaria de repente uma ajuda de custo pra poder tomar conta, dependendo da expansão da área. (...) De repente os próprios moradores.” (Rapaz, 25 anos, 2º grau completo, Vendedor autônomo, morador do Complexo de Manguinhos)

11. Sentimentos em relação ao PAC

11.1. Auto-estima dos moradores:

“Melhorar a auto-estima das pessoas de lá. Isso, talvez, dê uma diminuída também, em relação à violência. Mas não que vá acabar.” (Mulher, 37 anos, Superior Completo, Compradora Internacional, moradora da Freguesia)

11.2. Sobre a elevação da linha férrea para construção de área de lazer:

“A gente sabe que é uma obra cara. Pode ser legal usar o espaço.” (Moça, 25 anos, 2º grau, Assistente Comercial, moradora do Complexo de Manguinhos)

“Sabe o que acontece também, essa obra vai ficar linda e maravilhosa. Eles vão ver um poste, uma luz, eles vão arrancar para ir lá pro ferro velho pra vender, os 'crackeiros'. Tudo favelado... Fazem isso mesmo! (...) Vai ser a praça dos 'crackeiros'! (Mulher, 49 anos, 2º grau completo, atendente, moradora do Complexo de Manguinhos)

“Vai ser a praça dos 'crackeiros'. De quem fuma 'crack', porque hoje no local lá já é comunidade habitada [pelos crackeiros].” (Homem, 45 anos, 2º grau completo, montador, morador do Complexo de Manguinhos)

“Acho que vai ser bom porque a linha do trem em si ela separa já muitos bairros em dois. (...) Eu acho que é uma idéia interessante, você tá unificando. Até porque você tá vendo o que acontece do outro lado da linha do trem. E pelo que eu vi, a idéia do governo é colocar ali embaixo praça, posto de saúde, escola técnica...” (Rapaz, 25 anos, 2º grau, Analista Contábil, morador do Complexo de Manguinhos)

11.3. Ceticismo em relação aos efeitos de minimização da violência e poder do tráfico:

“Sabe o que vai acontecer? Vai ter melhoria nas casas, vai ter melhoria no asfalto, esgoto. Isso vai ter melhoria. Agora, a violência vai continuar do mesmo jeito. Manguinhos vai continuar sendo Manguinhos. Mandela vai continuar sendo Mandela.” (Homem, 45 anos, 2º grau completo, montador, morador do Complexo de Manguinhos).

“Eu acho que pode melhorar um pouco. Mas eu acho que vai continuar existindo como sempre existiu. Assim, a coisa da violência, do tráfico, eu acho que se não for feito algo urgente a violência vai aumentar.” (Mulher, 33 anos, 2º grau completo, operadora de telemarketing, moradora de Botafogo).

“A maioria das pessoas que está aqui, (...) ninguém acredita muito no PAC. Não é pela obra do PAC, do governo. Porque o cara vai gastar milhões para fazer aquela obra ali, mas ele vai manter aquilo lá? (...) Não vai ter segurança, entende? O tráfico vai estar lá do mesmo jeito, atuando.” (Homem, 45 anos, 2º grau completo, montador, morador Complexo de Manguinhos)

“O PAC deveria acabar com o tráfico, mas acho que nunca vai acabar.” (Rapaz, 20 anos,

1º grau, estudante, morador do Complexo de Manguinhos)

“Concordo. Hoje eu também não consigo ter essa visão de que vai acabar um dia. Infelizmente não. Se a gente for parar para estudar, parar para analisar, não é só dentro de uma favela que existe tráfico de drogas. Infelizmente esse tráfico tomou conta de tudo, tá em todos os lugares. Então acabar, eu acho que não vai acabar, realmente.” (Moça, 25 anos, 2º grau, Assistente Comercial, moradora do Complexo de Manguinhos)

“Acho que é mais para mascarar o problema. Você faz uma reforma, coisa assim, para mascarar. Você não resolve, mas você dá uma ajuda. Não é na raiz que tá pegando. Mas é bom, acho que é bom. Com habitação, tudo isso é válido. Mas não é o que vai resolver.” (Rapaz, 20 anos, estudante universitário, morador do Flamengo)

“O fato de ter projetos sociais, complexos esportivos, vai ajudar a tirar as crianças do tráfico.” (Rapaz, 21 anos, Técnico em Informática, morador da Taquara)

“Eu acho que vai melhorar mais pra eles do que pra gente, na verdade. Estão vendo o lado dele, pessoal que vem do aeroporto, turistas de fora, vai facilitar muito a via ali. O governo vai melhorar ali o bairro em si botando praça, área de lazer. Não aquela coisa feia, pesada, quem vem do aeroporto ali... Aquela faixa, Parque União, Nova Holanda, sai tiro direto ali. Querem desviar isso pro lado de cá. Viaduto.” (Homem, 33 anos, 2º grau completo, atendente, morador do Complexo de Manguinhos)

“Primeira coisa que tinha que ter é segurança. Já não vai ter.” (Homem, 35 anos, 1º grau completo, vigilante, morador do Complexo de Manguinhos)

“Segurança não vai ter, como a gente já não tem. Moro lá há 10 anos, Leopoldo Bulhões é a mesma. Hoje tá calmo, daqui a 15 dias, começa tudo de novo.” (Homem, 45 anos, 2º grau completo, montador, morador do Complexo de Manguinhos)

11.4. Possibilidade de diminuição das desigualdades sociais internas

“Acho que o mais importante nessa obra não é em si a obra. Mas é procurar dar perspectiva de vida para o indivíduo que não tem. (...) Você tem uma desigualdade social muito grande. Camarada tem um carrão e outro que não tem nem um carro de mão. Acho que o mais interessante nessa obra é levar perspectiva pro indivíduo que tá dentro. Para que ele possa olhar: 'peraí, eu também posso melhorar de vida'.” (Rapaz, 25 anos, 2º grau, Analista Contábil, morador do Complexo de Manguinhos)

“(...) Casa de madeira, e quando não é madeira, é plástico. De certa forma eu por morar dentro de uma comunidade, viver numa casa que tem laje, que tem piso, coisas que eles não têm, eu particularmente me sinto mal. Porque eles também são seres humanos. Espero eu com essa obra do PAC – PAC, né? - Que se resolva. (...) Eu acho que o governo não olha muito pra eles. Eles sabem assim, nas eleições 'vota em mim, eu vou fazer isso, aquilo'.” (Rapaz, 25 anos, 2º grau, Analista Contábil, morador do Complexo de Manguinhos)

“São vários barracos, porque não são casas, com instalações que, sinceramente, não são bem feitas, então houve um incêndio... A minha casa, ela tem piso, ela tem laje, ela tem quarto, tem tudo dividido bonitinho. Eu posso entrar na minha casa e eu sei que vou ter o esgoto direitinho ali, saneamento básico no caso. Lá eles não têm, é tudo a céu aberto.” (Moça, 24 anos, 2º grau, Operadora de Telemarketing, moradora do Complexo de Manguinhos)

11.5. Continuidade e sustentabilidade

“Infelizmente, hoje a gente não tem essa credibilidade toda. E também temos a preocupação, a gente vai ter mudança de governo. Será que vão continuar com esses projetos?” (Moça, 25 anos, 2o grau, Assistente Comercial, moradora do Complexo de Manguinhos)

“A gente só tem praticamente um ano e pouco do governo Lula. A gente sabe que não é uma obra que vai durar dois anos. Pelo que eu tô vendo, é obra pra cinco anos. Então assim, o que vai é preocupação. De dar continuidade. Aquela coisa de vai haver continuidade, será que o novo governo que entrar vai dar seqüência? O que aconteceu com a Cidade da Música.” (Rapaz, 25 anos, 2º grau, Analista Contábil, morador do Complexo de Manguinhos)

12. Favela é cidade?

“É uma cidade a parte.” (Mulher, 37 anos, Superior Completo, Compradora Internacional, moradora da Freguesia)

“É um Vaticano dentro de Roma.” (Homem, 48 anos, Superior Completo, Gerente Comercial, morador da Tijuca).

“É uma cidade, mas não é a nossa cidade.” (Mulher, 60 anos, Superior Completo, Diretora de Escola, moradora de Copacabana).

“E que vive as suas próprias leis. Tanto a do tráfico quanto aquela da milícia.” (Homem, 34 anos, Superior Completo, Gerente Comercial, morador do Andaraí).

“Acho que é tipo um erro da cidade. É a parte que a cidade não queria ter.” (Rapaz, 23 anos, estudante universitário, morador da Barra)

“Cidade sem lei.” (Rapaz, 25 anos, Arquivista, morador de Ramos)

“Tem muita segregação... Não sei. Não sei o que seria uma favela. Parece que ainda tá fora [da cidade], ainda não tá naquele convívio.” (Moça, 24 anos, estudante universitária, moradora do Méier)

É, pertence à cidade.” (Rapaz, 20 anos, 1º grau, estudante, morador do do Complexo de Manguinhos)

“Não sei, acho que sim. Só fica um pouco esquecida.” (Rapaz, 19 anos, 1º grau, estudante, morador do Complexo de Manguinhos)

“É uma cidade dentro da cidade.” (Mulher, 54 anos, Superior Completo, Pedagoga, moradora do Grajaú)

“A cidade do Rio de Janeiro se divide assim mesmo entre favela e asfalto. Mas eles são crucificados pelo sistema. Eles não têm opção de vida.” (Homem, 41 anos, Superior

Completo, Gerente Comercial, morador do Andaraí)

“(...) Um bairro tem pelo menos ajuda do governo, ajuda financeira. Já a favela não tem, é tudo dela mesmo. Então é como uma cidade à parte.” (Moça, 21 anos, Secretária Auxiliar, moradora de Bonsucesso)

“A integração é quando a gente tem os nossos empregados que moram na favela. Essa é que é a integração.” (Mulher, 60 anos, Superior Completo, Diretora de Escola, moradora de Copacabana)